

JEAN-PAUL THIBAUD

## A cidade através dos sentidos<sup>1</sup>

*The city through the senses<sup>1</sup>*

1. Nota: Uma versão deste artigo foi publicado em francês com o título "La ville à l'épreuve des sens" In: *Ecologies Urbaines*. Olivier Coutard & Jean-Pierre Lévy (eds.), Editions Economica, Paris, 2010, pp. 198-213. Agradecemos aos editores pela autorização para publicar este artigo que ainda era inédito em português

1. Note - This article was published in French as «La ville à l'épreuve des sens» In *Ecologies Urbaines*. Olivier Coutard & Jean-Pierre Lévy (eds.), Editions Economica, Paris, 2010, pp. 198-213. Thanks to the publishers for authorizing us to publish this paper in English.

**Jean Paul Thibaud** é Sociólogo, Doutor em urbanismo e planejamento urbano; professor e pesquisador da École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble, França; pesquisador do Laboratório de Pesquisa Cresson; Coordenador científico da Rede Internacional Ambiances (ambiances.net); autor e organizador de diversos livros, tais como: *L'espace urbain en méthodes* (Editions Parenthèses); *Regards en action. Ethnométhodologie de l'espace public* (A la Croisée); *Ambiances en Débats* (A la Croisée), dentre muitas outras publicações.

**Jean Paul Thibaud.** Sociologist, PhD in City Planning and Urban Design, researcher and professor at École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble, France; Researcher at Cresson ; Scientific Coordinator of Ambiances International Network (ambiances.net); He authored many books, such as: *L'espace urbain en méthodes* (Editions Parenthèses); *Regards en action. Ethnométhodologie de l'espace public* (A la Croisée); *Ambiances en Débats* (A la Croisée).

## Ecologia urbana dos sentidos

A cidade contemporânea está passando por várias mudanças que estão re-desenhando sua aparência e fazendo emergir novos contextos de sensibilidade. A magnitude de tais transformações faz com que o termo “cidade” esteja se tornando cada vez mais obsoleto e agora torna-se mais adequado falar do “urbano” (Choay, 1994). Mudanças tão profundas na vida urbana demandam novas perspectivas teóricas e novos modelos de inteligibilidade para descrevê-las. Dentre esses modelos, podemos apontar um crescente interesse pelo ambiente sensorial dos espaços habitados. Publicações recentes testemunham isso e focam-se cada vez mais na percepção, na paisagem, nas sensações, no corpo, nas ambiências e em outros termos diretamente relacionados às experiências comuns dos habitantes da cidade.

Apesar de ainda ser exagerado e prematuro afirmarmos que as questões sensoriais representam um divisor de águas na pesquisa contemporânea, podemos, ao menos, identificar a crescente presença de tais tópicos nas ciências humanas e sociais. Em outros termos, questões de ordem estética não têm mais aparecido como secundárias ou subordinadas, elas estão claramente se tornando um elemento chave no pensamento urbano contemporâneo. Nessa abordagem, o corpo e os sentidos passam a ser considerados; deixa-se de lado as decupagens disciplinares e um vasto espectro científico abre-se para o campo de investigação. Ao estudar o encaixe entre o sensível e o social, atualizar os esquemas de percepção cultural, escrever uma história das sensibilidades, tirar as medidas do espaço vivido, desenhar uma arquitetura pelas sensações, revisitar o lugar dos sentidos no pensamento filosófico ou fazer cair por terra a percepção comum através da performance artística, sempre haverá referências à experiência e se dará atenção especial aos registros sensoriais.

Em suma, vários caminhos estão abertos, que se cruzam e se complementam no desenvolvimento de uma ecologia sensível do cotidiano, no sentido mais amplo desse termo. É como se estivéssemos testemunhando uma mudança fundamental que está redefinindo a forma como pensamos o mundo à nossa volta. Se nos debruçarmos sobre as atuais pesquisas dedicadas à cidade, perceberemos rapidamente que essa tendência geral já se alastra em um solo fértil para a reflexão. A partir do foco de Henri Lefebvre (1968) nas “realidades prático-sensíveis” da cidade, muitas pesquisas têm buscado introduzir o corpo do habitante nas sensações urbanas. Nesse sentido, o ato de andar tem sido eleito como ponto de partida da reflexão e permitido problematizar a relação sensorial do morador com o seu entorno urbano. Assim, dedicando-nos aos questionamentos sobre o imaginário social, torna-se possível percebermos as formas de habitar a cidade e o poder afetivo dos lugares (Sansot, 1973; Augoyard, 1979). Os sentidos, assim, tornam-se o ponto de partida por excelência da expressão do morador.

Há, também, estudos que se dedicam à análise das práticas sociais dos cidadãos, a fim de descrever suas diversas estratégias de ação (de Certeau, 1980; Whyte, 1988). Atividades banais como andar ou sentar têm sido observadas de muito perto, com atenção ao contexto sensorial no qual, e do qual, elas ocorrem. Outros, ainda, têm se interessado na sociabilidade e no arranjo das interações sociais (Goffman, 1966; Joseph, 1998; Thibaud, 2002). A troca de olhares, neste caso, passa a ter um papel importante para testar a postura de uma “desatenção educada” quando dois pedestres se cruzam, revelando informações interessantes sobre a cidadania do olhar.

Trata-se, enfim, das próprias materialidades da cidade que passam pelo crivo da percepção sensorial e revelam as qualidades do que é vivido no ambiente construído. Em suma, seja tomando um viés mais cognitivo ou mais sensitivo, nos parece evidente que a percepção sensível seja o caminho não só possível mas, de fato, inevitável para os pesquisadores que buscam captar e restituir a concretude da experiência urbana.

Em uma época em que os problemas ambientais despontam com urgência e força, e em que o caráter público dos espaços urbanos é cada vez mais questionado, nos parece mais importante do que nunca embarcar em reflexões profundas sobre a cidade sensível. Tais reflexões fazem-se importantes não porque seja necessário acrescentar mais uma camada de dificuldades aos problemas energéticos, climáticos, políticos, econômicos, demográficos ou técnicos, mas, sim, porque se trata da nossa própria maneira de habitar o mundo urbano, de como nos encaixamos e o experimentamos no nosso cotidiano.

A hipótese aqui é que os sentidos são o pano de fundo de uma experiência do morar, um ponto central entre uma ecologia social, uma ecologia da mente e uma ecologia do meio ambiente (Guattari, 1989). O desafio é grande, já que envolve o entendimento sobre como as mudanças em larga escala no território urbano são incorporadas e propagadas no cotidiano.

Se o campo sensível pode clamar aqui sua relevância, isso se deve, sobretudo, por ser uma das expressões mais presentes e imediatas de um meio ambiente em transformação. Isso envolve a elaboração de um paradigma estético para um pensamento renovado sobre ecologia urbana. Uma das questões mais relevantes é, portanto, criar uma ecologia urbana dos sentidos que forneça acesso ao contexto estético da experiência comum.

Como o espaço urbano contemporâneo mobiliza a sensibilidade dos moradores da cidade? Como a experiência sensível funciona tanto como analisadora e operadora das mudanças urbanas atuais? O que o pensamento sobre a cidade sensível nos ensina sobre as formas de vida atuais e as maneiras de conviver? Que ferramentas conceituais e metodológicas podemos usar para iniciar o trabalho de campo nesta área? Tais perguntas criaram diversas correntes de pensamento, as quais introduziremos brevemente. Sem a intenção de sermos exaustivos, discutiremos três principais correntes que têm em comum uma abordagem sensível da cidade:

- a estética da modernidade, que explora as consequências das mudanças nas grandes cidades no início do século passado;
- a estética ambiental, atenta particularmente ao papel da natureza nos espaços vividos;
- a estética das ambiências, focada nas tonalidades afetivas dos espaços urbanos e arquitetônicos.

Antes de introduzir cada item acima, notemos que o termo “estética” deve ser compreendido aqui em seu sentido original de *aesthesis*, isto é: a percepção pelos sentidos e não somente como julgamento de gosto ou filosofia da beleza.

## A estética da modernidade

Por mais de um século, o pensamento urbano tem sido marcado por vários tipos de pesquisa sobre as experiências sensoriais de moradores da cidade. Podemos traçar as origens dessa orientação a partir do trabalho pioneiro de Georg Simmel, particularmente em seu ensaio sobre a metrópole e a vida mental (1987), seguido pelos trabalhos de Siegfried Kracauer e Walter Benjamin. Apesar das grandes diferenças entre esses três autores, eles têm traços em comum e cada um busca combinar, de sua própria maneira, um pensamento sociológico e uma abordagem estética.

Ao enfatizar a forma pela qual “as mudanças no ambiente urbano afetam a experiência e a percepção dos moradores e, ao fazê-lo, modifica o *sensorium* humano” (Simay, 2005), esses autores pavimentaram o caminho para uma ecologia urbana dos sentidos que continuou a se desenvolver desde então.

Conhecemos os argumentos usados no início do século passado para descrever o processo de estetização das cidades modernas: a natureza hiperestimulante das metrópoles, o embotamento dos sentidos dos moradores, o desenvolvimento de uma recepção desinteressada, a dominância da visão sobre os outros sentidos e a perda da experiência comunicável em favor de uma estética do choque. Tais fenômenos moldaram a reconfiguração das relações sensíveis dos moradores das grandes cidades no início do século XX. Esses referidos trabalhos têm o mérito de mostrar que uma ecologia sensorial urbana específica de fato existia, com suas propriedades e características. Foi focando em grandes cidades europeias – Berlim e Paris em particular – que esses autores puderam pensar sobre as transformações das estruturas da experiência moderna. O intuito não era analisar a realidade subjacente do mundo sensível e torná-la um campo livre de qualquer determinação, mas, sim, conectá-la à sua condição de potencial material, técnico, cultural ou histórico. Como afirmou Walter Benjamin (2003), “a maneira como a percepção humana se organiza, o meio no qual ela é alcançada, é determinada não só pela natureza humana, mas também por circunstâncias históricas.” Em outras palavras, não podemos descrever a

experiência sensível sem explicar também as condições que a nutrem e que a tornam possível. O desafio é, assim, mostrar como ocorreu, no começo do último século, uma mudança na sensibilidade, como nasceu uma estética de massa e como ela afetou as várias mudanças nas grandes cidades. Trata-se de um trabalho de grande envergadura, necessitando uma abordagem e uma metodologia de investigação adequadas.

Siegfried Kracauer e Walter Benjamin tiveram uma abordagem mais crítica e mais abertamente política que Georg Simmel; mas enquanto Kracauer investigava, de bom grado, a realidade empírica do período, Benjamin preferia a arqueologia da modernidade. De qualquer forma, pode-se dizer que os três autores desenvolveram uma postura comum que apresentava os fenômenos microscópicos e concretos do cotidiano. De fato, novos modos de percepção no meio urbano manifestam-se nos fatos e gestos dos transeuntes; inscrevem-se nas situações mais banais e cristalizam-se na estrutura construída das cidades.

Assim, todo um mosaico de fenômenos que moldam e preenchem o mundo sensível passam então a ser revistos: por exemplo, a reserva do morador da cidade que se protege do excesso de estímulos; os confrontos silenciosos nos bondes que revelam a importância do olhar; os cumprimentos matinais furtivos dos motoristas de taxis aprendendo a responder à aceleração das trocas; a abundância de shows em Berlim revelando o culto à distração; o efeito produzido pelas fantasmagóricas passagens cobertas que consagram o reino das mercadorias; os efeitos dos close-ups e da câmera lenta no cinema que exerce nos espectadores a experiência do choque... em suma, nos detalhes mais comuns da vida urbana, é revelada toda a sensibilidade de uma era.

Ao invés de um sistema introspectivo, a abordagem consiste em multiplicar as cenas microscópicas do cotidiano para desenhar um retrato da cultura sensível moderna. A cidade é, então, tomada pelo “fenômeno da importância medíocre” (Simmel), pelas “manifestações superficiais discretas” (Kracauer) e por suas “imagens dialéticas” (Benjamin) que são observadas, descritas e decifradas. Em outras palavras, não se trata de uma ecologia urbana dos sentidos que tenha uma abordagem onisciente, mas, sim, de uma atitude de estranhamento em relação às situações cotidianas. Se existe algum desencantamento em relação à modernidade, este se revela muito mais pelas imagens e formas do que propriamente pelos conceitos desenvolvidos. Daí a atenção especial às novas maneiras de descrever a experiência urbana. É assim que novas formas de escrita da cidade são experimentadas como releituras dos fenômenos de dispersão e de distração, de sensações cruas e de violentas comoções que constroem as atmosferas de uma época.

Fragmentos, colagens, ensaios, crônicas, séries e citações são propostas formais que permitem uma leitura da estética do choque nas metrópoles modernas. Assim, métodos de exposição com maior sintonia com a própria estrutura da experiência urbana tomam o lugar do discurso linear e monológico. Isso

certamente nos coloca na articulação entre a análise social da modernidade e a narrativa das ambiências urbanas.

## Estética ambiental

Uma segunda e mais recente abordagem, que foi originalmente usada em pesquisas em países anglo-saxões, se propõe a considerar o meio ambiente como possível campo de experiência estética. Tais pesquisas também objetivam ultrapassar a estéticas das artes plásticas e não julgam obras específicas ou objetos isolados de seus contextos, mas, sim, no âmbito dos espaços vivos onde os seres humanos estão imersos. Fortemente influenciada pela cultura da estética da natureza do século XVIII, essa estética ambiental desenvolveu-se no terço final do século passado, sob influência de um crescente interesse dos cidadãos pelas questões ambientais. Tomando o ambiente natural como modelo, essa estética da natureza voltou-se, inicialmente, para a arte do paisagismo, para os espaços selvagens e para as áreas agrícolas. Gradualmente, contudo, essa abordagem foi se debruçando sobre os ambientes construídos em meio urbano, assim como para o enorme campo da arte ambiental (Blanc, 2008).

Assim, são pesquisados os mais diversos objetos de estudo tais como, por exemplo: a decoração fantasiosa da Disney World, a visão dos motoristas em movimento, o design de interiores, as caminhadas a pé pela cidade ou o ato de fazer compras em shopping centers (Berleant, Carlson, 2007). É óbvio que o termo “meio ambiente” não está mais restrito ao mundo natural, mas agora também cobre uma ampla gama de situações comuns. Um avanço recente dessa estética ambiental a levou a se conectar com a estética do cotidiano (Light e Smith, 2004).

Longe de ser homogênea, a estética ambiental contribui para o surgimento de duas perspectivas relativamente distintas: uma que é predominantemente cognitiva, com ênfase nos conhecimentos diversos envolvidos na experiência ambiental, e uma que é predominantemente sensível e mais proximamente conectada ao caráter imediato, afetivo e multissensorial de tal experiência. Enquanto a primeira é mais focada no papel do enquadramento cognitivo da apreciação estética e na importância do saber científico e tradições culturais, a última tende a ressaltar o caráter contextual da experiência estética, na imersão do sujeito sensível no âmbito do mundo que o envolve e com o qual ele ou ela está engajado. Nesse sentido, Cheryl Foster (1998) faz uma distinção entre uma tendência “narrativa” e uma tendência “ambiental” da estética ambiental.

É Arnold Berleant quem cria as bases para esta segunda abordagem sensível e pragmática quando desenvolve as noções conjuntas de *continuidade e engajamento*. A noção de continuidade questiona essa abordagem dualista que separa a mente do corpo, o natural do cultural e o ser humano do meio ambiente. Berleant (1992) argumenta, seguindo a tradição de John Dewey, que: “não há

*mundo externo. Não há lado de fora. Tampouco há refúgio interno no qual eu posso me proteger de forças externas pouco amigáveis... Pessoas e meio ambiente são homólogos.*” Portanto, o meio ambiente não é um mero recipiente ou uma entidade externa que pode ser estudada independentemente da experiência que ele cria. Nesta perspectiva, o ser humano é necessariamente conectado com o mundo do qual ele participa. Assim, podemos falar em engajamento estético, que é uma noção-chave da estética ambiental. Ao invés de conceber o sujeito como um observador que não se envolve com o mundo que ele observa, ele deve ser visto como um participante ativo engajado nas situações a que é confrontado.

Assim, as relações distanciadas baseadas no descaso são substituídas por mecanismos de imersão corporal que convocam atitudes ativas de engajamento. Deve-se ressaltar, entretanto, que a ideia de engajamento estético é objeto de muito debate dentro da estética ambiental. Alguns autores se recusam a optar radicalmente a “contemplação” e a “participação” e a favorecer sistematicamente a segunda em detrimento da primeira (Leddy, 2004).

Finalmente, devemos apontar a estreita conexão entre estética ambiental e o movimento ambientalista, tal como ele surgiu nos Estados Unidos na década de 60. Essa orientação ecológica e proativa não se resume às contribuições em defesa da preservação do meio ambiente: trata-se também de se fazer presente nas pesquisas e investigações voltadas para as questões urbanas como um todo. Sem deixar de levar em conta a deterioração do meio ambiente, a estética ambiental busca as condições necessárias para o bem-estar na experiência urbana. Apesar de o ambiente urbano estar fervilhando com inúmeros recursos e potencialidades estéticas, isso não necessariamente significa que ele é sempre capaz de prover uma experiência plena e completa. Claro, uma atenção especial é dada ao lugar da natureza na cidade, mas, como demonstrou Arnold Berleant, devemos também reconhecer a extensão da complexidade do ecossistema urbano e buscar examinar suas dimensões funcional, imaginária, metafísica e cósmica. Assim, várias propostas têm sido formuladas para identificar os critérios necessários para um ambiente urbano de qualidade, entendido em termos estéticos: um meio que incentiva liberdade para agir, fornece uma experiência multissensível e busca envolver os moradores da cidade. Ao implantar uma abordagem meliorista cujo objetivo é melhorar as condições urbanas, a estética ambiental é levada a articular também a questões de ordem ética. Um campo de reflexão se abre, então, buscando compreender de que forma o ambiente urbano poderia abrigar e expressar valores positivos ou, como sugeriu Allen Carlson (2007), “parecer como deveria” (“to look as it should”).

## A estética das ambiências

Uma terceira abordagem estética lida com ambiências urbanas e arquitetônicas. Fortemente influenciada pela fenomenologia e focada nos aspectos construídos e materiais dos espaços habitados, o campo das ambiências tem se desenvolvido em ritmo acelerado nos últimos vinte anos e é composto por um movimento duplo.

O primeiro movimento – o da determinação – consiste no esclarecimento e definição da noção de ambiência, um conceito que vem se tornando mais complexo com o passar do tempo e tem suscitado algumas reformulações. A visão clássica do “controle das ambiências” que se interessava na propagação de sinais em espaços construídos caracterizados a partir de um ponto de vista puramente físico foi substituída por uma concepção mais interdisciplinar que recupera a importância da percepção sensível e da experiência estética (Augoyard, 1995). É aqui que emergem os aportes das ciências humanas e sociais que passam a se articular com os campos de planejamento, projeto e de engenharia. Em suma, ambiência é definida como o espaço-tempo experimentado pelos sentidos. Mais qualitativo e aberto, esse novo modelo de inteligibilidade da noção de ambiência foi sendo lapidado ao longo do tempo e desenvolveu suas próprias categorias de análise (efeitos sonoros, objetos, ambientes, configurações sensíveis), seus próprios métodos de investigação *in situ* (percursos comentados, observações recorrentes, reativação sonora, etnografia sensível) e ferramentas de modelagem (modelagem declarativa, modelos morfo-dinâmicos, simulação inversa) (*Les Cahiers de la Recherche Architecturale*, 1998; Grosjean, Thibaud, 2001).

O segundo movimento – o da diferenciação – consiste em propor uma alternativa às outras abordagens do meio ambiente sensível das cidades e é dessa maneira que a ambiência difere-se de todas as outras questões da função, do conforto e da paisagem. Trata-se de um quinto eixo de pesquisa de conexões transversais entre as formas sensoriais, espaciais e sociais. Assim, a abordagem das ambiências busca se livrar das perspectivas normativas; distingue-se das abordagens excessivamente positivistas e de uma orientação estritamente psicofísica; ela enfatiza a atividade de percepção dos sujeitos e o papel das práticas sociais na concepção sensível do ambiente construído permitindo, dessa forma, que se preste maior atenção às tonalidades afetivas da vida urbana.

Um dos aspectos fundamentais da noção de ambiência é que ela postula a unidade do mundo sensível ao invés de, primeiramente, dissociar os sentidos e depois buscar uni-los novamente. Daí a difícil questão dos fenômenos inter-sensoriais e sinestésicos que compõem uma ambiência (Böhme, 1991).

Assim, considerando seus diversos aportes, a ambiência tornou possível a formulação de um conjunto de questões que a tornam única em seu campo do saber e a distanciam de outras áreas do conhecimento (Amphoux, Thibaud, Chelkoff, 2004).

A estética das ambiências inscreve-se no contexto geral da pesquisa em arquitetura e urbanismo por meio de um objetivo bastante ambicioso, uma vez que impulsiona o revisitar da própria disciplina estética, à luz da noção de ambiência. Tanto nas pesquisas de Gernot Böhme, na Alemanha, quanto nas de Jean-François Augoyard na França – os dois grandes fundadores desta estética – o objetivo é retornar a uma teoria fenomenológica da percepção sensível para que se construa formas de considerar a existência das atmosferas urbanas. Nesse sentido, ambos os autores concordam sobre a necessidade de desafiar a divisão tradicional entre sujeito e objeto. Definida como a atmosfera moral e material que circunda um lugar ou uma pessoa, a ambiência é precisamente a noção que questiona essa divisão e impulsiona sua desconstrução.

Assim, Jean-François Augoyard (2008) – junto a Hermann Schmitz, um dos precursores dessa nova fenomenologia – identificou quatro operações na raiz desta dicotomia:

*Objetivação (colocar uma exterioridade percebida à frente de um interioridade psíquica), psicologização (autonomização das experiências vividas pelo 'eu'), reducionismo (decomposição do que é sentido em elementos abstratos), introjeção (amenizar, ou mesmo esquecer, o processo de divisão e a privatização dos sentidos).*

O papel da estética das ambiências consiste, então, em sugerir uma alternativa a essa forma de pensamento, mostrando como a ambiência tanto precede quanto é indissociável das propriedades materiais do meio ambiente e dos estados afetivos do sujeito sensível.

A noção de ambiência restitui o lugar dos sentidos na experiência dos espaços vividos; ela permite caracterizar nossas formas de experienciar a vida urbana; ela auxilia também a imaginar e criar espaços urbanos e arquitetônicos. A ambiência não existe somente no nível de recepção sensorial, mas também no nível de produção material (Amphoux et al., 1998; Daidalos, 1998). Diversos criadores, tais como Adolphe Appia (espaço cênico), Michael Chekhov (performance teatral) ou Peter Zumthor (projeto arquitetônico), comprovam a importância e a eficácia das “atmosferas” para o ato criativo. Em cada um desses casos, percebe-se que é a ambiência que dá vida a um ambiente, produzindo um efeito de conjunto e conferindo seu tom único, singular. Como afirmou Michael Chekhov (1991), “sem a atmosfera, uma performance torna-se mecânica demais”. Obviamente, isso vale não só para a criação artística, mas também se aplica às múltiplas invenções e criações do cotidiano. Em suma, a ambiência convoca, ao mesmo tempo, uma poiesis e uma estética dos ambientes construídos. O desafio é ajustar essas duas dimensões e relacioná-las às atuais mutações da urbe.

## Sensibilização do mundo urbano

Se uma abordagem sensível da cidade é proposta pelas três estéticas acima descritas, ela busca também permear, em grande parte, os trabalhos de concepção do espaço urbano contemporâneo.

Atualmente, há poucas teorias que não incluem, de uma forma ou outra, os sentidos em seu discurso, quer elas os usem como um fator na governança urbana, um critério de planejamento urbano ou como ferramenta comunicacional de um projeto. Em outras palavras, a vantagem da abordagem sensível reside não somente no caminho que ela abre em direção a uma fenomenologia da experiência urbana, mas também no sentido que ela empresta à criação da própria cidade. Não é por acaso que o meio ambiente sensível se encontra na junção entre a qualidade de vida dos moradores, as estratégias socioeconômicas da cidade e as questões ecológicas. Um dos aspectos mais impressionantes da ecologia urbana atual é que ela é cada vez mais baseada em uma política proativa e intencional de sensibilização da cidade lançando mão de estratégias explícitas para prover os espaços urbanos de ambiências. Para exemplificar, podemos citar a tendência geral (pelo menos nos países ricos) de trabalhar o paisagismo nos espaços construídos, de criar cenários em locais de uso cotidianos ou de planejar animações nos espaços públicos.

Mas a discussão sobre a criação de ambiências nos espaços urbanos deve-se ao fato que esses tipos de intervenção não se operam apenas no contexto material e físico da cidade, mas também em seus componentes sensíveis e imateriais. De uma certa forma, pode-se dizer que os espaços habitados não são mais concebidos unicamente a partir de um ponto de vista visual: eles também tendem a ser criados com base na sonoridade, na luz, nas possibilidades olfativas, na temperatura e ventilação. Cada vez mais, os projetos que pretendem transformar o ambiente urbano envolvem, de uma forma cada vez mais explícita, uma gama completa de condições sensoriais. É como se a predominância do visual, que acontecia na modernidade, estivesse direcionando-se para um reequilíbrio dos sentidos. A última bienal de Veneza ilustrou bem o estado da arte da questão. Além disso, a consideração da dimensão multissensorial dos espaços urbanos tem sido acompanhada por um crescente interesse pelas tonalidades afetivas dos espaços habitados.

A esfera urbana parece estar testemunhando um movimento duplo de programação de festividades e de medidas draconianas de segurança em um amplo espectro que vai da “ecologia do medo” (Mike Davis) à “ecologia do encantamento” (Christine Boyer). A respeito disso, as três estéticas discutidas acima podem contribuir, cada uma à sua maneira, para melhorar o entendimento dos desafios e questões de criação de ambiências no mundo contemporâneo.

Ao dar ao ambiente sensível uma dimensão sócio-histórica (a estética da modernidade), ao introduzir questões éticas na avaliação estética das áreas urba-

nas (estética ambiental) e ao caracterizar nossas maneiras de experienciar e fabricar o mundo sensível (a estética das ambiências), essas abordagens nos permitem desenvolver modelos que deem sentido às mudanças urbanas atuais. Como tais, elas nos ajudam a examinar como a ambiência influencia a atual ecologia urbana dos sentidos.

## Caminhos para um pragmatismo das ambiências

Para concluir o presente texto, resta-nos mencionar alguns indicadores de pesquisa que podem estimular o pensamento sobre o futuro da cidade sensível.

### **Esclarecendo usos para a noção de ambiência**

Tem se tornado cada vez mais necessário esclarecer como a noção de ambiência pode ser usada. Damos dois exemplos particularmente reveladores da criação de ambiências nos espaços urbanos: o marketing sensível (varejos atmosféricos) e os ambientes tecnológicos (ambient intelligence).

Por mais diferentes que essas duas abordagens sejam em seus objetivos e bases científicas, elas revelam a eficácia da noção de ambiência para criar novos lugares que estejam em conformidade com as mudanças do mundo hoje.

Quer a ambiência seja usada para desenvolver novas estratégias de varejo e incentivar o consumo (Grandclément, 2004) ou inventar novos mecanismos de percepção e automatizar tarefas cotidianas (Wright et al., 2008), tais empreendimentos lançam mão de tecnologias do ambiente sensorial adaptadas a objetivos cuidadosamente traçados, voltadas a estratégias funcionais e em sintonia fina com as oportunidades econômicas do mundo contemporâneo. É necessário aqui fazer uma clara distinção entre estes dois campos de ação, já que seus objetivos e efeitos são realmente bem diferentes.

Destacamos que a natureza operacional da noção de ambiência em certos campos de atuação está ajudando a mudar o mundo urbano atual (por exemplo, novos tipos de negócios e distribuições, domótica, realidade aumentada, tecnologias incorporadas etc.). Mas devemos ser cautelosos, pois o uso da noção de ambiência não pode, em hipótese alguma, ser reduzido a tais lógicas estritamente comerciais e técnicas. Em vez disso, a teoria das ambiências nos permite projetar abordagens utilitárias ou instrumentais ao colocar em questão nossas maneiras de habitar e criar coletivamente o mundo de hoje. A questão, então, não é tanto influenciar o comportamento para fins comerciais nem mesmo dar aos moradores da cidade algum tipo de alívio do peso de seus corpos, mas, sim, examinar o significado e as consequências de tais empreendimentos. Em suma, para esclarecer o que significa a noção de ambiência, é indispensável

discutir as premissas científicas e as estratégias, assim como os valores éticos que controlam seus diversos usos.

### **Atualizando os desafios sócio-estéticos da cidade**

A criação de ambiências nos espaços urbanos não é desprovida de fatores sócio-estéticos, que devem ser desvendados e, sempre que possível, atualizados. Trabalhar uma leitura sensível do meio ambiente urbano envolve não só a observação atenta das mudanças que estão acontecendo, mas também um olhar crítico sobre seus efeitos e implicações. Em suma, trata-se de aprender com a natureza política e social da “distribuição do sensível” (*partage du sensible*) (Jacques Rancière). Aqui, nos preocupamos com o futuro dos espaços públicos urbanos e da nossa habilidade de viver em um mundo compartilhado.

Para colocar à prova o caráter público do espaço urbano planejado, pode-se proceder de duas maneiras. De um lado, pode-se questionar se algumas escolhas estéticas em termos de planejamento urbano não seriam um meio de “redistribuir os lugares e as identidades” ou, ainda, uma maneira de afirmar a preponderância de um segmento da sociedade em detrimento de outro. Estamos nos referindo, aqui, a um “imaginário eco-sanitário” (Parazelli, 2002) ou a um urbanismo “clean” (Dollé, 2005) ou, ainda, a um novo higienismo (Matthey, Walther, 2009) que acontecem como se a busca por um meio ambiente asséptico necessitasse da rejeição de certas categorias sociais consideradas indesejáveis. Por outro lado, o crescente controle sobre os ambientes sensoriais da cidade – por meio do uso da luz, do som, da ventilação, dos odores e de outras técnicas e estratégias de animação – tendem a produzir espaços cada vez mais condicionados e deixam pouca margem para os rituais de interação entre pedestres ou oportunidades para improvisações da população. Será que esse novo controle das ambiências não correria o risco de produzir espaços públicos excessivamente neutralizados, formatados e pacíficos, limitando oportunidades para trocas e pequenos encontros entre transeuntes? Além disso, um meio ambiente excessivamente artificial não levaria a uma perda relativa do contato com a realidade, resultando em uma sensação de estranhamento, a uma experiência de ordem alucinatória ou percepção anestesiada? São questões que repetem, mesmo que de outras maneiras, daquelas levantadas pela estética da modernidade.

### **Reorganizando o entendimento sobre a ecologia sensível**

Abordar espaços urbanos a partir de uma perspectiva sensível requer novas estruturas de pensamento a serem elaboradas e aplicadas. A noção de ambiência é um bom exemplo disso, uma vez que, apesar de ter um grande e inegável potencial heurístico, de trazer novas questões até agora negligenciadas, ainda é um conceito difícil de se definir teoricamente e entender empiricamente. Isso acontece porque a ambiência não pode ser reduzida a uma soma de fatores localizados com precisão, mas ela é capaz de “colorir” a globalidade de uma si-

tuação, propagando-se e espalhando-se pelo ambiente. Impregnação, radiação e contaminação são, nesse sentido, termos-chave que nos permitem definir o fenômeno da distribuição sensível.

Assim como a atmosfera ou o clima, a ambiência funciona como um meio que interliga os mais diversos componentes de uma situação sob uma mesma tonalidade e, ao fazê-lo, confere a eles uma unidade, uma fisionomia de conjunto (Thibaud, 2004). A realidade multifacetada é substituída por esse caráter difuso, indivisível e intangível do mundo ambiental. Em suma, desenvolver a ecologia sensível requer a habilidade de nos libertarmos da ontologia das coisas e pensarmos em termos de relações baseadas na lógica da indefinição. Ainda, como acabamos de ver, é necessário questionar a clássica oposição entre o sujeito sensível e o objeto percebido, já que cada um é, na verdade, um dos lados de uma mesma moeda.

A partir de diferentes perspectivas, diversos pensadores contemporâneos estão buscando construir uma filosofia da relação, da informação, do envoltório, do imaterial, do atmosférico, e de tantas outras categorias que se afastam de uma orientação demasiadamente dualista e substancialista. Essas tentativas de construção filosófica podem envolver desde uma releitura de intangíveis ou da *doxa* (Anna Cauquelin), ou uma concepção esférica do espaço humano (Peter Sloterdijk) ou, ainda, um grande desvio pela filosofia chinesa (François Jullien). Todas tentam fazer emergir aquilo que revelaria os empréstimos do mundo ambiente e da textura sensível dos nossos modos de morar. Todas são pistas para um novo paradigma que nos permitirá pensar o fundamento indistinto dos modos contemporâneos de sentir o mundo.

### **Por uma ecologia pragmática da cidade sensível**

As primeiras três pistas que tentam esclarecer a ambiência (quais são seus usos?), avaliar as consequências práticas desse conceito (quais são seus efeitos?) e revisar os contextos de pensamento nos quais ela está baseada (quais são os desdobramentos?), abrem caminho para uma ecologia pragmática da cidade sensível. Assim, a questão não é tanto perguntar, de uma vez por todas, o que é uma ambiência, mas sim refletir sobre o que ela faz e em que ela se torna, e o que ela provavelmente afetará e transformará quando for experimentada e testada concretamente em situações atuais.

Podemos também perguntar como uma abordagem das ambiências abre novas perspectivas para questões do meio ambiente sustentável, da mudança climática ou da poluição atmosférica. Afinal de contas, elementos variados como ar, água e plantas são tanto recursos naturais quanto fatores que compõem a ambiência. Conectar uma estética das ambiências urbanas e arquitetônicas a uma ecologia dos ambientes naturais e físicos certamente permitiria uma melhor aplicação e consciência das questões, assim como um novo entendimento dos mecanismos para integrar tais questões ao cotidiano dos cidadãos. Para além

do ativismo ambiental, que traz os problemas ecológicos para a esfera pública, as ambiências são capazes de provocar, mesmo que de maneira vaga, algumas sensações que se remetem às transformações do meio ambiente do planeta, podendo funcionar, assim, como guias de alerta para a conscientização dessas alterações. Esta é mais uma das muitas facetas reveladas pela natureza prática da noção de ambiência, por sua habilidade de conduzir a outras perspectivas e de prenunciar novas modalidades de ação. Em poucas palavras, não é nada menos do que passar de um saber contemplativo a um saber prático, que faz do conhecimento um campo de experimentação ao invés de representação. Ao colocar a experiência sensível no centro das questões do meio ambiente urbano, essa ecologia pragmática demanda uma prática experimental do saber e uma revalorização da criatividade do agir.

## Bibliografia

AMPHOUX, Pascal; THIBAUD, Jean-Paul; CHELKOFF, Grégoire (Eds.). **Ambiances en débats**. Bernin: Editions A la Croisée, 2004.

AUGOYARD, Jean-François. La construction des atmosphères quotidiennes: l'ordinaire de la culture, **Culture et Recherche**. n. 114-115, 2008, pp. 58-60.

AUGOYARD, Jean-François. **Pas à pas. Essai sur le cheminement en milieu urbain**. Paris: Seuil, 1979.

BENJAMIN, Walter. **L'œuvre d'art à l'époque de sa reproductibilité technique**. Paris: Allia, 2003

BERLEANT, Arnold. Carlson, Allen (Eds.) **The Aesthetics of Human Environments**. Toronto: Broadview Press, 2007.

BERLEANT, Arnold. **The Aesthetics of Environment**. Philadelphia: Temple University Press, 1992.

BÖHME, Gernot. Über Synästhesien / On Synaesthesiae, **Daidalos**. n. 15, 1991, pp. 26-37.

CARLSON, Allen. On Aesthetically Appreciating Human Environments. In: BERLEANT, Arnold; CARLSON, Allen (Eds.) **The Aesthetics of Human Environments**. Toronto: Broadview Press, 2007

CERTEAU, Michel de. **L'invention du quotidien**. Paris: UGE, 1980.

CHEKHOV, Michael. **On the technique of acting**. New York: HarperCollins, 1991.

CHOAY, Françoise. Le règne de l'urbain et la mort de la ville. In: La Ville, art et architecture en Europe, 1870-1993. **Catálogo da exposição do Centre Georges Pompidou**, Paris: Editions du Centre Georges Pompidou, 1994, p. 26-35.

FOSTER, Cheryl. The Narrative and the Ambient in Environmental Aesthetics.

*Journal of Aesthetics and Art Criticism*. v. 56, n. 2, 1998, pp. 127-137.

GOFFMAN, Erving. *Behavior in Public Places*. New York: Free Press, 1966.

GRANDCLÉMENT, Catherine. Climatiser le marché. Les contributions des marketings de l'ambiance et de l'atmosphère. In: *ethnographiques.org*, n°6 – nov.2004. Disponível em: <[www.ethnographiques.org/2004/Grandclement.html](http://www.ethnographiques.org/2004/Grandclement.html)>.

GROSJEAN, Michèle; THIBAUD, Jean-Paul. (Eds.) *L'espace urbain en méthodes*. Marseille: Editions Parenthèses, 2001.

GUATTARI, Félix. *Les trois écologies*. Paris: Galilée, 1989.

JOSEPH, Isaac. *La ville sans qualités*. Paris: Editions de l'Aube, 1998.

Leddy, Tom. The Nature of Eveyday Aesthetics. In: *The Aesthetics of Eveyday Life*. Edited by Andrew Light and Jonathan M. Smith, New York: Columbia University Press, 2004, pp. 5-22.

LES Cahiers de la Recherche Architecturale. Numéro especial: Ambiances architecturales et urbaines, n. 42/43, 1998.

LIGHT, Andrew; SMITH, Jonathan M. (Eds.) *The Aesthetics of Eveyday Life*. New York: Columbia

RANCIERE, Jacques. *Le partage du sensible*. Paris: La Fabrique, 2000.

SIMAY, Philippe. Walter Benjamin, d'une ville à l'autre. In: *Capitales de la modernité. Walter Benjamin et la ville*. Sob direção de Philippe Simay, Paris: Editions de l'Eclat, 2005, pp. 7-18.

THIBAUD, Jean-Paul. *Regards en action. Ethnométhodologie des espaces publics*. Bernin: A la Croisée, 2002.

WHYTE, William City. *Rediscovering the Center*. New York: Doubleday, 1988.

WRIGHT, David; GUTWIRTH, Serge; FRIEDEWALD, Michael et al., *Safeguards in a World of Ambient*. In: CERTEAU, Michel. de *L'invention du quotidien*. Paris: UGE, 1980.